



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

GEISIANE DE SOUZA FERREIRA

**CORPOREIDADE, HOMEM E SEXUALIDADE: UMA
REFLEXÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

ARIQUEMES – RO
2016

Geisiane de Souza Ferreira

**Corporeidade, homem e sexualidade: Uma reflexão na
contemporaneidade**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Ms. Carla Patrícia Rambo Matheus

Ariquemes – RO
2016

Geisiane de Souza Ferreira

Corporeidade, homem e sexualidade: Uma reflexão na contemporaneidade

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – Faema, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador Ms. Carla Patricia Rambo Matheus
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Ms. Roberson Geovane Casarin
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Esp. Hanns-Muller Marques Lopes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 21 de Novembro de 2016

**Dedico primeiramente a Deus,
aos meus pais,
ao meu esposo Rafael,
minha família e amigos.**

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente pela vida, saúde e força. Ao meu esposo Rafael que desde o tempo em que namorávamos pensávamos juntos em um futuro, onde até o momento presente estamos conseguindo alcançar juntos da mesma forma em que sonhávamos e planejávamos há oito anos, desde o término do ensino médio. Por todo incentivo, força, dedicação, paciência em cuidar de mim para que eu conseguisse ao longo desses cinco anos de curso, obter vivências regadas de cuidado, amor e carinho. Sempre preocupado com meu bem estar físico e emocional, proporcionando-me o melhor para eu me sentir bem e conseguir chegar até aqui.

Agradeço ao meu pai e minha mãe pela vida, por me ensinarem e se dedicarem para que eu crescesse sabendo dos meus limites, e me proporcionando enquanto criança, quanto eu poderia sonhar sempre com o melhor que eu poderia ter, e assim, desde criança sonhava que um dia poderia sim, mesmo sem as devidas condições financeiras, conseguir através de meus esforços a concluir o meu tão sonhado curso superior. Ter conquistado esse objetivo em minha vida e que durante todo esse tempo estiveram compreendendo minha ausência em momentos que não pude estar presente, pelas palavras de incentivo, da maneira como sabiam se expressar, porém sempre com a melhor intenção que era transmitir algo positivo para me acalmar nos momentos de angústia, mostrando preocupação por mim em todos os momentos, principalmente nos momentos difíceis que vivenciei durante todo esse percurso.

Agradeço a minha orientadora Ms Carla Patrícia Rambo Matheus, pela orientação, por acreditar em meu potencial ao desenvolver este trabalho, paciência, apoio e confiança neste percurso de tantas angústias, indecisões e conquistas.

A todos meus amigos pela força, incentivo e compreensão ao longo de todo o curso, Elaine, sempre presente comigo desde o primeiro período, Wellington, por ser aquele amigo desde o início, por todo carinho, palavras de incentivo ao ombro amigo nos momentos bons e ruins.

Por toda minha família que de alguma forma me disseram palavras de incentivo e me apoiou dando forças. As minhas amigas Aline e Simone, pela paciência de minha ausência devido aos compromissos com a faculdade.

Agradeço à gerente e amiga de trabalho Luciana Angélica, pela compreensão, força e incentivo que foram proporcionados ao longo de todo o tempo necessário.

Meus agradecimentos ao Ms Roberson Geovane Casarin e ao Esp Hanns-Muller Marques Lopes por contribuírem com sugestões de grande importância para a finalização deste trabalho.

Enfim a todos aqueles que fizeram parte dessa passagem de minha vida ao longo de todo esse percurso.

“Não considere nenhuma prática como imutável.
Mude e esteja pronto a mudar novamente.
Não aceite verdade eterna. Experimente”.

Burrhus Frederic Skinner

RESUMO

Este estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de refletir sobre as diversas formas de viver, referente a corporeidade masculina. O percurso teórico permite compreender as percepções sociais em relação à corporeidade do homem, buscando entender, como a sociedade constrói essas ideias que denotam as vivências masculinas. Diante desta questão, a Psicologia, enquanto prática vem lidando com essas inquietações, pois vivemos em uma sociedade que construiu e ainda constrói formas que são estabelecidas à masculinidade. Tais considerações permitiram verificar a necessidade por pesquisas referente às várias formas de expressar a masculinidade e o quanto esta temática se faz necessária no momento em que verifica-se o sofrimento psíquico pela busca ou pelo afastamento de padrões sociais de uma corporeidade masculina alicerçada em pressupostos normativos de gênero e sexo.

Palavras-Chaves: Corporeidade, Sexualidade, masculinidade e Contemporaneidade.

ABSTRACT

This study was conducted through literature search in order to reflect on the different ways of living, referring to male corporeity. The theoretical approach allows us to understand the social perceptions of the corporeity of man, trying to understand how society builds these ideas that denote male experiences. Faced with this question, psychology, while practice, is dealing with these concerns, because we live in a society that built and still builds forms that are established to masculinity. Such considerations allowed us to verify the need for research related to the various ways to express masculinity and how this issue is needed at the moment that there is a psychological suffering by the seek or withdrawal from social patterns of a male corporeity founded on normative assumptions gender and sex.

Keywords: Corporeity, Sexuality, masculinity and contemporaneity

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SCIELO Scientific Eletronic Library Online

LILACS Literatura Latino – Americana e Caribe

PNAISH Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do homem

PEPSIC Periódicos Eletrônicos em Psicologia

FAEMA Faculdade de Educação e Meio Ambiente

LGBT Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3. METODOLOGIA	14
4. REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 PROBLEMATIZANDO CONCEITOS PARA UMA CORPOREIDADE MASCULINA....	15
4. 1. 2 O SEXO, GÊNERO E A SEXUALIDADE	15
4.1. 3 CORPOREIDADE MASCULINA.....	20
4.2 RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS: ASPECTOS E DESAFIOS DA PSICOLOGIA FRENTE À MASCULINIDADE.....	24
CONSIDERAÇÕES	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da percepção de que a corporeidade relaciona o nosso corpo com o meio em que vivemos, na maneira como o indivíduo se desenvolve e se relaciona com o mundo e suas diversas dimensões, como tudo que nos cerca e o que faz parte da vida dos seres humanos, desde o corpo físico até as percepções e emoções que são vivenciadas ao longo da vida. Em outras palavras, é diante dessa conceito de corpo é que o ser humano se entende e se constrói assim, desenvolvendo este processo que faz parte da construção do ser humano.

Questiona-se, atualmente, como o homem vivencia e constrói esse conceito de corpo, e como a masculinidade é observada dentro dos parâmetros sociais. Esta inquietação pode ser discutida no bojo das relações de uma sociedade contemporânea. Sociedade esta que produz modos de relações humanas, entre elas, a forma em como o homem vive diante da construção desse corpo. Pensamentos enraizados pelo preconceito, pelo machismo, por questões de gênero estigmatizando a maneira do homem vivenciar sua corporeidade, rotulando uma forma normal em ser homem.

Esse modelo padronizado de como o homem deve agir, afasta de muitas circunstâncias que podem ser vividas sem o achismo que a sociedade impõe ao estilo que muitos gostariam de viver, o homem sente-se julgado diante desse desentendimento que a sociedade causa.

O homem, em pleno século XXI, vive uma preocupação com o que não está dentro dos padrões sociais e tem receio de se arriscar com o novo e diferente, diante do entendimento social, pode influenciar em sua masculinidade, isso pode ser motivo para a sociedade comentar e julgar sobre tal atitude e comportamento. Pois ainda há no meio social pessoas que abominam qualquer comportamento masculino que esteja fora dos padrões sociais. Entretanto, este é um motivo que afasta o corpo masculino da prevenção em relação ao cuidado de forma a prevenir e promover saúde.

O interesse pelo tema surgiu através da importância em buscar refletir sobre a maneira que a corporeidade pode ser entendida, e também como a sociedade constrói o modelo de masculinidade normal a ser seguido pelo homem e a forma como a sociedade reage quando atitudes e comportamentos fogem às regras pré-estabelecidas.

O estudo tende a colaborar aos leitores uma reflexão de que uma corporeidade bem vivida pretende contribuir para um entendimento acerca de como as pessoas compreendem essas questões que relacionadas as diferenças. Essa reflexão é importante para que as desigualdades possam ser minimizadas e que possa haver um entendimento em relação às diversidades pelas quais estão presentes nas masculinidades.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir a corporeidade masculina no (des) entendimento acerca das relações sociais contemporâneas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender as percepções sociais acerca do cuidado com o corpo masculino;
- Refletir sobre a construção da masculinidade;
- Problematizar a corporeidade masculina à luz da Psicologia.

3. METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, foi realizado uma pesquisa bibliográfica para o seu embasamento teórico. Segundo Gil (1991), a “pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de material já publicado, constituído, principalmente de livros, artigos de periódicos, atualmente com material disponibilizado na *internet*”. Sendo que:

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007).

A pesquisa bibliográfica permite que se adquira conhecimento sobre o tema proposto, permitindo que não seja igual a outros artigos já produzidos. Nesta pesquisa, pretende se discutir sobre a corporeidade masculina nos desentendimento acerca das relações sociais contemporâneas, refletir sobre a construção de masculinidade e problematizar estas questões a luz da psicologia.

Para a construção desta monografia, a busca foi feita em bancos de dados *online* como Google Acadêmico; SCIELO, LILACS, PEPSIC. Livros e acervos da Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, na cidade de Ariquemes – RO. A seleção dos artigos foram através dos descritores: Corpo; corporeidade; sexualidade; sexo; gênero; masculinidade e sociedade contemporânea.

A realização da pesquisa ocorreu durante os meses de março a novembro de 2016. Sendo obras de Foucault de 1976 e 1988, por ser uma obra clássica e os demais são de 1996 à 2016. Foram excluídos os materiais que não continham a temática da pesquisa. Essa pesquisa teve uma totalidade de 56 publicações, incluindo livros, artigos, dissertações e teses, sendo utilizado um total de 32 referências para esta pesquisa.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 PROBLEMATIZANDO CONCEITOS PARA UMA CORPOREIDADE MASCULINA

Neste capítulo, pretende-se discutir e problematizar os conceitos de sexo, gênero e sexualidade para que possa discorrer sobre a corporeidade masculina em uma ótica histórica traçando um percurso onde evidencia as diferenças de gênero e as construções de sexualidades emersas em dispositivos pelos quais cristalizam atitudes e ações destinadas ao homem. Ressaltando como esses conceitos são importantes para os modos de subjetivação e as formas de existir que tem-se buscado e questionado atualmente, e assim contribuir para que essas inquietações presentes na vida social e na corporeidade e masculinidade do homem, possam ser discutidas e entendidas na sociedade contemporânea.

4.1.2 O SEXO, GÊNERO E A SEXUALIDADE

Pretende-se discorrer sobre o conceito de sexo, gênero e sexualidade para que possa ser compreendido como cada um interliga-se ao outro, contribuindo para o entendimento e o porquê falar sobre cada um.

Primeiramente discutir-se-á sexualidade, o que no entendimento para Cassal, Garcia e Bicalho (2011) a sexualidade não é ganhada, mas compreende-se que é natural e imutável, é uma construção histórica e social sobre os modos de sentir e experimentar o corpo, os desejos e as relações de cada indivíduo. Ou seja, a sexualidade é construída ao longo da vida.

Vale ressaltar como era vivenciada e como era a diferença extrema entre a liberdade para viver a sexualidade, trazidas por Foucault:

A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e

procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos a descência das palavras limpa os discursos (FOUCAULT, 1988).

O ato sexual era considerado algo inapropriado para o prazer do indivíduo, sendo permitido apenas entre casais e mesmo assim, entre eles pouco se falava sobre sexualidade e sobre o ato sexual, dificilmente poderia-se comentar sobre um assunto tão vergonhoso e oprimido, até certo ponto, podendo ser considerado impuro, mesmo sendo casados. Diante disso, refletir-se-á em como a sociedade vinha se preparando para manter a sexualidade como algo pouco vivido e sem importância para o indivíduo, não tendo nem um discurso sobre tal questionamento. O silêncio, em meio às curiosidades, era o suficiente para manter a sexualidade vivida naquela época em um grande segredo vivenciado entre casais, tornando-se desta forma, apenas com uma função, a reprodução.

As respostas sociais são verdades alicerçadas pelo poder biopolítico, que perpassa geração em geração. Atualmente, estas questões relacionadas ao sexo, gênero e sexualidade estão adquirindo espaço nas discussões da sociedade devido às diversas sexualidades que estão em busca de serem aceitas e a definir um modo de vida diferente da sociedade normativa, incomodando e desconstruindo o que há muito tempo é considerado uma vida normal e saudável, sendo assim, Barreto (2016) afirma que:

Essas pluralizações implicam em posições políticas e éticas, pois apesar da biologia, chegamos a um tempo em que as corporeidades e os territórios de subjetivação produzem outros sexos, outras sexualidades e outros prazeres, sendo a unificação conceitual quase que uma inatingível meta de algumas ditas ciências duras. (p. 124).

No sentido das pluralizações apresentadas pela autora acima, pode-se fundamentar através dos escritos de Foucault, sobre as possibilidades que nos tornam pluralistas.

Soy pluralista: el problema que se me há planteadoes el de La individualización de los discursos. Para individualizar los discursos hay critérios que son conocidos y praticamente seguros: el sistema lingüístico al

que pertenecen, la identidad del sujeto que los há articulado (FOUCAULT, 1976, p. 18)

Estes apontamentos permite com um momento em que tem-se buscado o direito de expressar ideias, modos de subjetivação e formas de existir. No entanto, ainda depara-se com o incômodo gerado em muitos grupos sociais que não seguem o modelo tradicional de homem de ser humano como totalidade, não compreende essas formas como algo que pode ser aceito dentro do meio social, não sendo preparado para compreender que a existência das diferenças não é algo provocado pelo indivíduo e sim apenas um desejo a ser vivido de forma livre.

Pensando nisso, Silva e Finco (2015) fala sobre gênero, que pode ser compreendido como um meio constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças apreendidas entre os sexos, que fornece um meio de entender o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura forma ou elege em relação a homens e mulheres.

Nessa mesma perspectiva Lira e Nunes (2016) apontam que as relações de gênero devem abranger, em suas discussões, a concepção histórica, discursiva e social estabelecida na formação do indivíduo, pois a construção de gênero é social e cultural.

Atualmente vive se em um processo de reconstrução e conhecimento dessas novas sexualidades, com o objetivo de que essas concepções possam ser percebidas e refletidas diante da dificuldade que o indivíduo sente em relação atitude e comportamento que não é definido como normal dentro da sociedade.

Barreto (2016) ressalta que pode se refletir, aos outros que estão saindo à normatividade, adquirindo espaço e provocando discussões sociais acerca dessa construção da corporeidade que envolve todas as formas de prazeres, sexos e outras sexualidades, que foram construídas de acordo com a necessidade em expor a sexualidade individual, saindo às normas e ganhando novas formas tentando ser respeitado a cada desejo de expressar. Louro (2007) agrega este pensamento ao retratar sobre o sistema que discrimina o que não corresponde ao ser normal, dizendo que:

É intolerável conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque seu modo de ser homem ou de ser mulher, suas formas de expressar seus desejos e prazeres não correspondem àquelas nomeadas como "normais". LOURO (2007, p. 1).

Faz-se necessário entender, que com o passar do tempo, essas pessoas que buscam por outras sexualidades que não são naturalizadas, estão em busca por seus direitos de poderem agir como desejarem.

Pensando na sexualidade com enfoque na masculinidade, pode-se refletir de que maneira o homem consegue vivenciar este conceito. Atualmente, há muitos estereótipos em muitos comportamentos, que nesse público, fica vetado de poder se expressar, qualquer palavra dita que não está dentro dos parâmetros normais e sociais de masculinidade, já é um motivo para os demais criticarem e julgarem, esses comportamentos, contribuem para que o indivíduo se recue, deixando de agir como deseja. BRASIL (1996) salienta que “a sexualidade é uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende sua base biológica (sexo) e cuja expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes”. Para fundamentar estas apreensões, (BRASIL 1996 *apud*, BRÊTAS, 2011, p. 79) reforça que, a sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da sua vida e engloba sexo, identidade e papel de gênero, orientação do desejo sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Podem envolver todas essas dimensões, mas nem sempre todas são vivenciadas ou expressas. É influenciada por uma interação de fatores de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual (BRÊTAS, 2011, p. 79).

Como citado, a sexualidade envolve todas essas dimensões, mas nem todas as formas de poder expressar são vivenciadas, justamente pela influência de diversos fatores que se torna indivíduo de acordo com seu desenvolvimento, uma maneira diferente de entender e viver, diante disso, pode-se perceber que a sexualidade é muito além do que o ato sexual, e no meio social masculino, este conceito é algo pouco vivenciado devido alguns valores que são analisados pela sociedade e pelo próprio homem.

Para compreender como sexo, sexualidade e gênero estão interligados, torna-se necessário entender a maneira como são desenvolvidos na vida do indivíduo. São construídos através das aprendizagens e da cultura, vivida por cada pessoa. Com o passar do tempo, houve uma necessidade em definir como esses conceitos foram construídos, ou como foram reconstruídos, para que se tornassem algo normal no cotidiano da sociedade.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2007).

Esses conceitos que estão sendo vivenciados com maior intensidade na contemporaneidade, trazem uma reflexão diante ao entendimento do indivíduo por normalidade no que refere-se aos conceitos de gênero, sexo e sexualidade. Mélo (2012) salienta que “maneiras de viver, muitas vezes, são naturalizadas como se houvesse uma forma predeterminada de corpo feminino ou masculino”, e isso é algo que acontece constantemente, pois desde crianças somos ensinados a nos comportar como meninas, onde possa ser usado a cor rosa e brincar de boneca, pois isso são atividades que apenas meninas podem brincar, e assim para os meninos, brincam de carrinho e sua cor é o azul. Moreno (2011) assevera que antes de frequentarem as instituições escolares, as crianças já aprenderam com sua família, pessoas próximas e com as imagens midiáticas o que é permitido aos meninos e às meninas. Diante disso crescemos sendo ensinados a agir de acordo com cada gênero ao qual somos preparados, isso traz ao ser humano uma maneira em agir com o próximo, em determinada situação, de acordo com seu gênero, isso faz-se pensar que estas situações são normais, acostumando com essas formas vividas pela sociedade e vivenciando de geração em geração. Tudo isso pode ser observado, como antigamente, todas essas questões eram mais difíceis de serem compreendidas e vivenciadas.

Diante disso percebe-se que a partir de algumas buscas pelos direitos iguais é que esses grupos foram adquirindo espaço na sociedade, e mesmo assim com

esse avanço, ainda há pessoas que lutam por conquistas, por direitos iguais e também por poder se comportar na sociedade sem julgamentos, independente de sua orientação sexual ou gênero, pois algumas pessoas deixam de agir de certa maneira, com um possível medo em como a sociedade poderá interpretar vendo este indivíduo agindo assim, pois a sociedade tem normas e um padrão determinado em como pode-se comportar de acordo com seu gênero, sua classe social entre outros.

4.1.3 CORPOREIDADE MASCULINA

O ser humano vivencia o mundo através do próprio corpo, através de tudo que cada indivíduo consegue desenvolver ao longo de sua vida e nos dias atuais. Tornou se necessário, compreender esses novos conhecimentos em relação ao significado de corporeidade, deixando de ser um simples corpo físico, para uma corporeidade que vivência emoções, desejos, entre outras possibilidades que o faz um ser humano. Para uma melhor compreensão Goellner, Louro e Neckel (2003) salienta que o corpo deixou de ser entendido apenas como um corpo e passa a ser também tudo aquilo que a ele se refere e também fruto de uma produção cultural:

“Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas” (GOELLNER, LOURO e NECKEL, 2003).

Percebe-se que o significado de corporeidade é entendido como aquilo que nos faz seres humanos em todos os sentidos, é a maneira de entender, desenvolver e conhecer a si mesmo. É de fundamental importância discutir este tema, pois ele é capaz de despertar nas pessoas uma reflexão sobre como esse conceito pode ser vivenciada, o tanto que dependemos desse corpo para evoluir e vivenciar tudo aquilo que desejamos sem medo das escolhas ao longo da vida. É através desse corpo,

que somos pessoas, capazes de desenvolver todas as características humanas, assim como Moser (2013) menciona que o corpo deveria se destacar mais entre a reflexão humana. Como a primeira expressão e mais visível da identidade das pessoas, pois não traduz apenas a compreensão que cada um tem-se sobre o mesmo, mas de toda a realidade que os cerca.

Entende-se que o corpo ganhou mais importância, deixou de ser simples, para ganhar um significado amplo, sua cultura e a imagem que o eu faz de si, em como o ser humano trabalha e transforma este corpo. Brêtas (2011) nos traz que, o corpo se torna mais variável do que uma constante, não mais capaz de mudar, respaldando noções relativas à distinção masculino/feminino através de grandes varreduras da história humana, mas sempre presente como elemento potencialmente importante na forma como à distinção masculino/ feminino.

Tudo isso foi e está sendo construído de acordo com a necessidade de alguns grupos conquistarem um novo território, que surgiu diante de alguns conflitos presentes na sociedade, relacionado ao adolescente com suas vontades e desejos reprimidos pelos seus responsáveis, pela mulher, esposa, mãe e dona de casa que deveria cumprir com suas obrigações e nada mais, com grupo LGBT, que não conseguia viver sem serem vítimas de preconceito, pelas vontades de todos os grupos em serem livres para se vestir, para andar, viajar, frequentar ambientes sem serem julgados por algum gesto antes não feito, por alguma palavra dita apenas em seu silêncio, enfim por tudo aquilo que oprime a sociedade e a cada indivíduo em conseguir ser feliz, fazendo e agindo como deseja sem se preocupar com os julgamentos, assim compreendendo cada vontade. O corpo não será mais formado por um conjunto de ossos, músculos e vísceras e sim, a formação e construção da nossa identidade.

Esta inquietação é discutida e alicerçada por Brêtas (2011) para o autor, ao se deslocar o gênero do sexo, e ao questionar este último como dado natural, situa-se terreno das práticas discursivas, da geração de efeitos sobre os corpos, comportamentos e relações sociais, contextualizados social e historicamente. Em tal perspectiva, esta estatura corpórea como categoria universal desaparece, abrindo espaço a corpos múltiplos marcados, não só pelo sexo, mas também por raça, classe, sexualidade, idade, nenhuma das quais é unicamente determinada. Percebe-

se, desta forma, que esta questão corporal inserido em um sistema de relações nas quais o gênero comporta uma dimensão relacional e política.

A corporeidade é um desenvolvimento da maneira como o ser humano habita e se comporta

A passagem da concepção de corpo para corporeidade e de sexo para sexualidade se constituiu num tenso processo de avanços e recuos, onde todas as ciências tiveram que abandonar seus mecanismos de defesa, para se abrirem a um amplo diálogo. E, de alguma forma, este diálogo foi sendo viabilizado, sobretudo no decorrer dos últimos cinquenta anos. Entretanto, novos conhecimentos e novos fatos vieram desfazer todos os arranjos anteriores. (MOSER, 2013).

Esse diálogo proporcionou uma discussão com o intuito de chegar a alguma conclusão, para que novos conhecimentos e novos fatos ganhassem espaço para que houvesse um crescimento para as pessoas terem uma qualidade de vida que proporcionassem uma maneira de ser e entender a liberdade que pode ser usufruída desse próprio corpo.

Atualmente é perceptível um interesse do homem pelo corpo, e este interesse e cuidado está relacionado à busca da beleza, de todas as formas, na tentativa de mostrar para a sociedade competitiva, como é seu porte físico.

Tal expectativa de corpo vem tornando-se hegemônica na sociedade hodierna e a tecnociência com seus métodos, formas de intervenções cada dia mais avançadas vem socorrer esse corpo, a fim de possibilitar as metamorfoses corporais que atende as necessidades muitas vezes irrefletidas das pessoas (FREIRE & DANTAS, 2012).

De acordo com o autor, a uma busca por mudanças e hoje em dia a sociedade ou a pessoa em si, vive buscando uma aparência física que esteja dentro dos padrões sociais, é como se o principal foco em um corpo fosse à beleza física, o que somos dependerá de cada aparência, sobre esse assunto, Castro e Pinto (2014) falam que o corpo configura-se como um objeto privilegiado para análises que envolvam a relação entre classe, cultura e consumo, assim sendo, o status dos indivíduos depende da forma como os corpos se apresentam no espaço social.

A mídia vem auxiliando de que forma a sociedade possa se vestir e manter o corpo físico, pois a aparência representa cada indivíduo, é através dessa forma que somos julgados pelas pessoas ao olharem e pensarem o que cada um poderia ser.

Através da mídia, é perceptível o quanto as pessoas buscam por este corpo padronizado, de certa forma incentivando o consumo exagerado por roupas, calçados, cosméticos entre outros, ou seja, buscando a qualquer custo corrigir um corpo que não é aceito pelo próprio dono e pela sociedade, que julgam por não terem o corpo e as roupas que acham que deveriam ter e usar. Procurando apenas um objetivo, o de conseguir acompanhar o personagem padronizado. Esta preocupação com a imagem corporal é algo que está atingindo todas as classes sociais, as pessoas, independente de sua classe, sentem essa necessidade de sentirem-se bem com sua aparência através da moda que todos querem seguir. A sociedade se tornou refém da imagem corporal, onde aquele que não seguir os padrões pré-estabelecidos é julgado e excluído.

Marcuzzo, Pich e Dittrich (2012), trazem a discussão acerca do papel da mídia digital, que reforça e divulga os valores e atributos voltados para a busca de instrumentos que aceitem a construção do corpo a partir da representação de um corpo manipulado e transformado em mercadoria, tratando-se do corpo ideal. Atualmente, além das mulheres, os homens também estão buscando formas e métodos para obter o corpo padronizado. Diante disso, Rosa (2012) destaca que:

Se estivermos falando de espaços, encontros e experiências comprometidos com a não sujeição e/ou redução dos corpos no que diz respeito ao que eles podem abrigar (o gênero, a sexualidade, o desejo, a cultura do grupo social, as marcas geracionais, a origem étnica, etc.), estamos dando ênfase particular à criação de uma ética e de uma estética capazes de dar vida a subjetividades mais livres e sensíveis. (ROSA, 2012).

Pensando no homem, enquanto um ser que participa desta construção, ele é referenciado e generalizado pela sociedade, Brêtas (2011) fala sobre esta generalização que é utilizada na sociedade.

A generalização do artigo gramatical masculino è explicita em nossos meios de comunicação. Exemplo: “o homem é o principal responsável pela destruição do meio ambiente”; “o professor precisa ser atualizado constantemente”. A linguagem no masculino nao é um reflexo do real, é uma criação linguística intencionalmente política. Mesmo sendo uma profissão predominantemente feminina, o uso do artigo gramatical masculino é usado mesmo para designar uma sala que todas sao meninas: “os alunos”. (2011. p. 74).

Percebe-se que, o homem está sempre como a única opção a ser generalizado. Essas inquietações estão presentes de acordo com a maneira em como são ensinados através dos dispositivos de controle. Essa maneira de generalizar o homem é uma ordem capitalista que se faz presente nas vivências da sociedade, e diante dessa generalização, pode-se refletir que a vivência própria do homem não é generalizada, pois ele não sabe lidar com algumas situações e papéis que não almeja para si.

4.2 RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS: ASPECTOS E DESAFIOS DA PSICOLOGIA FRENTE À MASCULINIDADE

Para se falar da masculinidade, é necessário entender que há várias masculinidades que são construções sociais e culturais, cada indivíduo representa e diferencia o que isso implica na vivência de cada um.

Por essa razão, nos dias atuais, estudos sobre a condição masculina e sobre os homens tratam não da masculinidade no singular, mas de “masculinidades”, no plural. Falar em masculinidade no singular sugere a idéia de uma representação e de um poder do homem, masculino, de uma forma homogênea. Quando se coloca a noção de masculinidades, no plural, depreende-se que pode até existir uma forma de masculinidade, digamos hegemônica, mas que existem outros tipos de masculinidade (SANTOS, 2007).

Diante das masculinidades, faz-se necessário discutir-se sobre as relações que envolvem essas diversidades produzidas na sociedade contemporânea. De acordo com o envolvimento do poder biopolítico e das relações sociais, Barreto (2016) fala sobre a busca dos diversos campos da ciência para uma maior captura e minimização das discriminações sobre as sexualidades, os prazeres e os gêneros, pode-se refletir sobre essas discriminações que vêm se discutindo na atualidade alguns contextos tanto dos direitos humanos quanto da bioética, da inclusão social, da educação e de outros olhares e posicionamentos das políticas públicas em relação a tais modos de existir que emergem nas relações sociais, problematizando tal situação a ponto de a sociedade buscar por mudanças, ao que refere-se há estas

discriminações que ocorrem na vida social quando o diferente não agrada ao próximo.

Os hábitos e costumes que o homem adquiriu para a construção da própria corporeidade está relacionada por uma questão associada à inclusão e aceitação na sociedade de que essas diferenças existam e podem ser compreendidas como atitude do próprio ser humano. A sociedade se preocupa em viver de acordo como o indivíduo se adapta através do que é normal. Barreto (2016) ressalta que os territórios de subjetivação capitalísticos produzem abundantemente massa individualizada-capturada e pouquíssimas singularidades em resistências-dissidências. Os efeitos desse modelo de fabricação nos modos de existir são os que estão sendo vivenciados na atualidade, onde há um pensamento que, a normalidade é a vida branca, burguesa, monogâmica e heterossexual, em detrimento de poucas pessoas que se inventam e respeitando outras vidas em resistência à dita normalidade. Os autores (SIQUEIRA; ANDRADE 2012 *apud*, ZANARDI, 2012, p. 17) contribuem ao trazer como exemplo o que se entende socialmente “homem normal” branco, heterossexual, cristão, sem deficiências, e sua masculinidade não é questionada a todo tempo, diferentemente do homem negro, do homem deficiente e homossexual, estes são vistos como antiparadigmas do que se projetou sobre o gênero masculino, são homens com estereótipos negativos perante um grupo. É um exemplo de fundamental importância, pois pode ser observado como o preconceito está presente nesta questão além de ser uma realidade vivida na atualidade.

Esse pensamento do ser normal para uma masculinidade, desperta uma reflexão às diversidades presentes na sociedade, implicando o corpo e a corporeidade que são caracterizadas pelo desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida. Para isso o ser humano sente a necessidade em querer adequar para se sentir bem, ser e agir como deseja dentro da sociedade a qual pertence.

Diante desse modelo de fabricação, o indivíduo sente-se incomodado com essas reações sociais as quais formulam e rotulam o que é permitido como uma atitude normal, e com atitudes que são julgadas como algo que não faz parte do comportamento masculino. É como se a vítima estivesse cometendo algum delito por querer agir de acordo com a sua subjetividade. Essas regras estabelecidas nas

vivências é uma forma de poder e controle designado à sociedade, a qual é manipulada pelo biopoder que controla o indivíduo.

Seixas (2012) acrescenta que a noção de biopoder, quando construída de forma eficaz ao controle social, assume a vida dos indivíduos desde o nascimento até a morte, mas essa questão não é para a repressão e a destruição de comportamentos referentes à sexualidade dos indivíduos, mas para a produção de orientações normativas, através de práticas culturais. Um exemplo seria a construção e exercício de masculinidades e feminilidades e discursos científicos, que de certa maneira podem influenciar a forma como os indivíduos idealizam e experimentam sua sexualidade e sua identidade.

Abaixo, uma reflexão em como é buscar uma determinada maneira de agir na sociedade, tudo pronto para que possamos ser normatizados e não fugir às regras dessa vida social organizada.

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala, e não para por aí. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é "a" ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 51).

A sociedade é construída de acordo em como o mundo ensina e proporciona esta forma finalizada para ser seguida. O que são construídos que não fazem parte do mundo, foge às normativas, ganhando uma nova maneira de viver, fugindo da vida social organizada. Entretanto vale ressaltar que a mulher conquistou muitos direitos ao longo dos séculos e por isso conquistou também seu tema a diversas fontes de estudos científicos, mídia, entre outros campos. No entanto, como o homem não segue este mesmo percurso, falar em corporeidade dando ênfase ao corpo masculino é algo pouco observado e estudado, e o que pretendeu-se nesta pesquisa, foi refletir sobre as possíveis conquistas, identificação e atitudes que não são vistas e pensadas como algo que possa ser um comportamento do homem, sem duvidar de sua masculinidade que possa ser reconhecido por ele.

Para tanto, é pertinente traçar uma breve explicação sobre como o homem sócio-histórico vem se construindo de acordo com as diferenças e conforme sua subjetivação, com o que já foi um padrão de masculinidade e com o que permanece hoje em dia como um padrão normativo. Assim sendo Gama, Lyra e Pimentel (2014) salienta que:

Tomando a história dos homens nesta sociedade e em especial a história dos homens no Brasil, vê-se que o percurso das masculinidades vem acompanhado por signos e símbolos construídos sócio-culturalmente, que vêm determinando o que é ser homem e o que é ser mulher e afetando a vida dos sujeitos (2014).

Mediante esse pressuposto, questiona-se de que forma o homem vem lidando com esse processo de transformação e construindo a noção que envolve a masculinidade percebida pelo homem na contemporaneidade.

Diante as várias formas de vivenciar e construir a masculinidade, estas remetiam em última instância a heterossexualidade como norma e nesse emaranhado de possibilidades o modelo mais específico de homem era o forte, viril, ativo nas relações públicas, dominador e provedor da família (VOSK, 2016).

Gama, Lyra e Pimentel (2014) falam sobre a trajetória dos homens, a qual refere-se, a uma história composta e entrelaçada por questões subjetivas e sociais, relações de dominação e, muitas vezes, de violência. Contudo, assim como a história das mulheres, esta conta também com afetos, atos de coragem e negociações interessantes, que nos levam ao encontro de homens que entram em cena com o objetivo de produzir formas de viver. Sobre essas cenas, no século XVII destacaram-se se os símbolos mais implacáveis da masculinidade, resultados até os dias atuais. Neste tempo, o duelo e a iniciação sexual, ainda na tenra idade, faziam a passagem do homem para o mundo adulto, sendo assim tornando-se o macho.

Entre as formas de viver produzidas para o homem no século XVII, pode-se entender que esta discussão relacionada à masculinidade nos dias de hoje ainda é enfrentada, pois apesar das diversas conquistas do movimento feminista nas últimas décadas, a sociedade ainda vê a masculinidade e o homem como um modelo, um padrão e uma referência normativa em pleno século XXI (SANTOS, 2007).

Compreendendo o percurso do homem de acordo com a cultura brasileira, nos últimos séculos, a passagem do século XVIII para o XIX, o que se percebe é

uma estagnação das formas de masculinidade. Com a proclamação da Independência em 1822, aconteceram longos debates em prol da construção de uma identidade nacional, que propôs estratégias destinadas a forjar o corpo e o espírito do brasileiro. Tudo isso estava ocorrendo, devido a uma tentativa de adotar as inspirações europeias como uma forma mais simples a ser aceita, assim o corpo físico, forte e dominador passou a ser valorizado. Essa valorização estabeleceu algumas obrigatoriedades em relação à performance do homem e suas masculinidades (GAMA, LYRA E PIMENTEL, 2014).

Diante dessas transformações que vêm ocorrendo ao longo dos anos, (BONÁCIO, 2012) afirma que, com essas mudanças, surgiram diversos discursos heterogêneos que propõem inovações para a identidade do homem. Essas novas identidades emergem com a ação de práticas discursivas, medicina estética, mercado de trabalho, entre outras que empregam estratégias de identificação para o homem de acordo com o saber e o poder a ele empregado para expor estas novas identidades.

No início do século XX, diante de seu contexto envolto por guerras, os padrões masculinos cresceram pautados na coragem e na bravura como regras determinando o homem como um ser viril e igualmente incansável, sem falhas, veloz e bem-sucedido socialmente, ou seja, o medo não fazia parte do homem, o medo continua sendo reforçado até hoje como um sentimento que não faz parte masculinidade (GAMA, LYRA E PIMENTEL, (2014).

Há, portanto, sempre um padrão de masculinidade em jogo: um conjunto hegemônico de compreensões sobre os papéis sociais masculinos, correspondentes ao homem branco e burguês como um modelo ideal, e as masculinidades marginalizadas, que não se adaptam e que são tidas como “não-masculinidade”.Parte-se, então, do pressuposto de que há um modelo hegemônico de masculinidade e que este requer muitas vezes que o homem se molde às regras normativas impostas pela cultura (GAMA, LYRA E PIMENTEL, 2014).

Há uma dominação em relação às normativas impostas pela cultura que são os conjuntos hegemônicos. Assim sendo, Medrado et al., (2010) afirma que esse padrão de normalidade faz com que, de um lado, se conceba a superioridade do homem sobre a mulher e, de outro, normatiza a sexualidade masculina, acarretando uma visão heterocentrada e homofóbica sobre o homem normal, entendido como

ativo, dominante e não-afeminado, assim caracterizando esse modelo dominante de masculinidade.

As masculinidades hegemônicas são modelos públicos, simplificados e idealizados de aspectos simbólicos da interação. Como existem disputas e negociações em cada circunstância específica sobre os elementos que a constituem dentre um conjunto de características possíveis e disponíveis, nota-se que elas são plásticas enquanto veículos de preservação de associações entre masculinidade e poder sob circunstâncias sociopolíticas, econômicas e culturais variáveis e se transformam para constituir traços que preencham as necessidades estratégicas de conquista e de manutenção do poder (JESUS, 2012).

Sobre esse assunto, Gama, Lyra e Pimentel (2014) questiona frente às determinações históricas tão amplamente conhecidas, o que nessa história dos homens e das masculinidades torna esse objeto de estudo relevante. Além disso, o autor salienta que relevante é ver que na história dos homens e das masculinidades, mesmo parecendo adequado, a posição de poder e de destaque era e continua sendo conferida. Não se pode falar de ausência de tensões subjetivas decorrentes desse lugar, que, certamente, não reflete o contorno da masculinidade de cada indivíduo, permeado por exigências sociais, exigências dos pares, e também pelos desejos próprios (GAMA, LYRA E PIMENTEL, 2014).

Desta forma, o homem teve sua “cultura” ao longo dos anos sendo construída através de exigências e cobranças em relação à sua masculinidade. Essa postura em ser homem sem falhas e veloz, de uma certa forma privou essa masculinidade em ter um incentivo para cuidar do corpo e da saúde, sendo assim preserva a virilidade.

Incluir a participação do homem nas ações de saúde é, no mínimo, um desafio, por diferentes razões. Uma delas se refere ao fato de, em geral, o cuidar de si e a valorização do corpo no sentido da saúde, também no que se refere ao cuidar dos outros, não serem questões colocadas na socialização dos homens (SCHRAIBER, GOMES E COUTO, 2005).

A saúde do homem é algo que pouco se destaca nos meios de comunicação e sociais, poucas são as ações voltadas para que o homem possa se dedicar à saúde. Em 2009, diante dessa necessidade, houve a criação do projeto Pnaish (Política nacional de atenção integral à saúde do homem), voltado para a saúde

masculina com o intuito de contribuir para que despertasse um interesse maior por parte da sociedade masculina em prevenção em relação aos sintomas.

A PNAISH vem sendo apontada como uma política pública de vanguarda no cenário mundial, sendo a primeira política pública de saúde voltada especificamente para os homens na América Latina e a segunda no continente americano, após o Canadá (MARTINS E MALAMUT, 2013).

O principal objetivo desse projeto é promover um interesse em relação à prevenção a saúde masculina.

Promover a melhoria das condições de saúde da população masculina do Brasil, contribuindo, de modo efetivo, para a redução da morbidade e mortalidade dessa população, através do enfrentamento racional dos fatores de risco e mediante a facilitação ao acesso, às ações e aos serviços de assistência integral à saúde (BRASIL, 2009b, p. 36).

Esta preocupação está relacionada à prevenção da saúde do homem que segundo Machin et al., (2011) “No tocante à saúde, os homens muitas vezes negam a existência de dor ou sofrimento, de vulnerabilidades, para reforçar a ideia de força do masculino, demarcando a diferenciação com o feminino”.

Diante dessas situações pode-se analisar como a psicologia vem lidando com essas questões, Barreto (2016) salienta que “As Psicologias enquanto campos de produção de verdades, e, conseqüentemente, de relações de poder, dá-nos ver quais são as formas dos corpos teóricos, filosóficos e políticos destes saberes psi.”

Até aqui tem-se falado de um assunto que na prática psi, ainda há uma resistência para ouvir sobre todas as demandas relacionadas ao que se tem discutido. É uma profissão que diz ser mais fácil de lidar com tudo isso, mas realmente, enquanto profissão essa facilidade é compreensível? Será que os profissionais são preparados para lidar com essas demandas? Diante desses questionamentos Cassal, Garcia e Bicalho (2011) apontam que é fundamental que os psicólogos fiquem atentos a que forças estão sendo potencializadas, que políticas de subjetivação estão sendo movimentadas, nos ambientes de trabalho, como consultórios, nos movimentos sociais, ou nos artigos, dissertações e teses que são produzidas e passadas adiante para a sociedade.

Diante dessa profissão, Borges et al., (2013) entende que as diversas possibilidades de atuação profissional no campo da Psicologia, todo percurso entre

formação e atuação, requer um investimento contínuo na qualificação profissional para a luta das desigualdades sociais, sendo elas diferenças de classe, sexo, raça/etnia, geração, e também de orientação sexual entre outras. A inclusão de uma ótica de gênero pode ser entendida como um dos grandes desafios que a Psicologia tradicional tem enfrentado, de um campo eminentemente neutro e disciplinar, um posicionamento político e um olhar interdisciplinar.

Sendo assim pode ser analisado que as práticas não são neutras; produzem efeitos, que podem ser tanto de reprodução de modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização, quanto o de trabalhar no sentido de fortalecer tais produções (GUATTARI; ROLNIK 1996 *apud*, CASSAL, GARCIA, BICALHO, 2011, p. 469). Entretanto, enquanto profissão, não é relevante que as práticas sejam neutras, pois faz-se necessário na atuação perceber as dificuldades existentes em si, refletindo sobre o que pode ser trabalhado de acordo com a própria opinião, para que as práticas não sejam neutras e sim trabalhadas de forma que o profissional possa saber lidar com as desigualdades.

CONSIDERAÇÕES

Diante dos apontamentos trazidos, percebe-se que a sociedade contemporânea está passando por um dilema em relação às diversidades e às formas de existir, algo comum, porém estereotipado, quando o indivíduo foge às regras normativas estabelecidas às vivências sociais.

Pretendeu-se, ao longo da pesquisa, refletir sobre as possíveis conquistas, a identificação e atitudes que ainda não são observadas como algo que possa ser um comportamento do homem sem que a sua masculinidade possa ser reconhecida.

Na pesquisa, problematizaram-se alguns conceitos como sexo, gênero e sexualidade, que contribuíram para evidenciar as diferenças que provocaram e ainda provocam na atualidade, algumas inquietações em relação ao que tem-se apresentado como diferente para pessoas que agem de uma forma que não condiz com as normativas estabelecidas pela sociedade, dando ênfase à masculinidade, que ainda para o homem é confuso saber lidar com esta construção da masculinidade, devido às normas formadas e estabelecidas, que ao serem desconstruídas, desagradam à sociedade de forma a julgar e não aceitar tal atitude e comportamento. Para Vosk (2016) “Essa masculinidade que predomina sobre as demais, pode ser compreendida como uma masculinidade hegemônica normativa”.

Compreende-se que a pesquisa atingiu os objetivos propostos em relação ao discutir a corporeidade e a masculinidade diante do (des) entendimento acerca das relações sociais contemporâneas. Reaprender o discurso e a linguagem das suas emoções tem levado o homem contemporâneo a um conhecimento mais profundo de si mesmo, mas tem também lhe confirmado que o controle do meio ambiente machista está ameaçado. Não é de se surpreender, portanto, que haja na atualidade do Brasil uma preocupação nos círculos masculinos mais esclarecidos em aceitar e incorporar a emoção e suas representações corporais, sociais e culturais como uma maneira de se humanizar. Por isso, o homem “emotivo e sensível”, uma das novas imagens do homem moderno, gerada e gerida pela necessidade de mudar, adaptar e se emocionalizar, tem tido uma aceitação crescente. Nos discursos contemporâneos encontramos inúmeros exemplos.

As pesquisas relacionadas a essa temática, estão ganhando espaços no meio científico, mas ainda pode-se observar o quanto esta questão está sendo digerida na sociedade atual, ao presenciarmos no cotidiano a necessidade de um entendimento referente a esta masculinidade em todos os ambientes sociais como escola, trabalho, família, entre outras. Por mais que está tendo uma aceitação crescente, parte da sociedade vive de um discurso confuso em relação às formas de agir que é proporcionado a este homem em processo de construção.

Este assunto está se desenvolvendo de forma que as oportunidades de se obter um conhecimento sobre a liberdade de expressão e de viver as diferenças e com isso proporcionar um entendimento em relação com as diversas formas de subjetivação que é direito de todas as pessoas.

Assim sugere-se que sejam feitas novas pesquisas sobre este assunto, na busca de maiores resultados principalmente por profissionais das ciências humanas, assim como pela psicologia a fim de auxiliar os homens na expressão da sua corporeidade sem tantas amarras, medos e preconceitos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J.F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza-CE, janeiro. 2007.

BARRETO, Danielle Jardim. **A (in)visibilidade dos prazeres, das sexualidades e dos gêneros e a parresia na formação queerizada em psicologia: narrativas de outras perspectivas e experiências docentes**. 2016. 213 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Estadual Paulista; Faculdade de Ciências e Letras. Assis-SP.

BONÁCIO, Daiany. Representações da masculinidade em crise: Legados pós-moderno. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. **Produção de identidades e processos de subjetivação em prática discursiva online**. Maringa, Eduem, 2012. pp. 231-258. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-11.pdf>>. Acessado em: 18 de out. 2016.

BRASIL. Ministério Da Saúde, 2º ed. De 1996. **Secretaria executiva de coordenação da saúde da criança e do adolescente**. Programa saúde do adolescente: bases programáticas. Poder Executivo, Brasília, DF, 1996. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/20704225-Programa-saude-do-adolescente-bases-programaticas-2a-edicao-revista.html>>. Acessado em: 08 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Homens vão ganhar política nacional de atenção à saúde**. Programa Café com o Presidente. Brasília: Ministério da Saúde, 2009d (Transcrição). Disponível em: <<http://historico.cafe.ebc.com.br/cafe/programas/369.2009-10-06.4343558065>> Acesso em 25 Ago. 2016.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Sexualidades**. São Paulo: All Print, 2011.

BORGES, L. S; CANUTO, A. de A. A; OLIVEIRA, D. P. de. Vaz, R. P. Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: Revendo conceitos, repensando práticas. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**. Goiás, 33 (3), 730-745. 2013.

CASTRO, Ana Lúcia. PINTO, Renata Pires. Corporalidade brasileira na fabricação da identidade nacional. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, by unisinos, Vol. 50, N. 1, p. 34-40, jan/abr 2014.

CASSAL, Luan Carpes Barros; GARCIA, Aline Monteiro; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, Rio Grande do Sul, PUCRS, v. 42, n. 4, pp. 465-473, out./dez. 2011. Disponível em: <http://journaldatabase.info/articles/psicologia_dispositivo_sexualidade.html>. Acessado em: 31 out. 2016.

FREIRE, I. M. e DANTAS, M. H de A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. **HOLOS**. Rio Grande do Norte, IF Rio Grande do Norte, Vol 4, pp. 148-157, set. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A historia da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 13ª edição Graal. Rio de Janeiro RJ. Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Las redes del poder**. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1976(b).

GAMA, J; LYRA, J; PIMENTEL, A. P. Os modos de subjetivação masculinos no mundo contemporâneo. In: 18º REDOR, 2014, Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Anais**. Universidade federal rural de Pernambuco, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/557/810>>. Acessado em: 24 out. 2016.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica – Cartografias do desejo**. 7ª Edição Revisada. Petrópolis: Vozes, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 28-40.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Aqui jaz o amor: o nascimento do homem, a produção das masculinidades e as relações internacionais. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, USPG, v. 3, n. 1, p. 17-29, jan. / jul. 2012. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1834>>. Acessado em 04 nov. 2016.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; NUNES, Maristela Aparecida. Ensinando A Ser Menina E Menino: Brinquedos E Relações De Gênero. **Revista Ensino & Pesquisa**, Paraná, UNESPAR, v.14 n.01 p.180- 200 jan/jun 2016. Disponível em:< <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/849>>. Acessado em: 08 set. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 46, pp. 201-218, Dez. 2007. Disponível em:< <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10009>>. Acessado em: 06 set. 2016.

MACHIN, R.; COUTO, M. T.; SILVA, G. S. N da. SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; FIGUEIREDO, Wdos S.; VALENÇA, O. J.; PINHEIRO, T. F. **Concepções de gênero, masculinidade e cuidado sem saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária**. Revista ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro. 2011.

MARCUZZO, Miquela; PICH, Santiago; DITTRICH, Maria Glória. A Construção Da Imagem Corporal De Sujeitos Obesos E Sua Relação Com Os Imperativos Contemporâneos De Embelezamento Corporal. **Interface**, Botucatu, UNESP vol.16, n.43, pp.943-956, Nov. 2012. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400007>. Acessado em: 03 mar. 2016.

MARQUEZ, Clovis, Paes. A Crise Do Corpo Na Sociedade Contemporânea: Uma Reflexão À Luz Da Filosofia E Da Biopética. **BioEthikos**, São Paulo, Centro Universitário São Camilo, n. 4, pp. 416-421, Dez. 2012. Disponível em:< http://www.bioetica.org.br/acervo_biblioteca/revistas/todos_fasciculos.php?cod_revista=59>. Acessado em: 07 jun. 2016.

MARTINS, Alberto Mesaque; MALAMUT, Bernardo Salles. Análise do discurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.22, n.2, pp.429-440, jun. 2013

MÉLLO, Ricardo Pimentel. **Corpos, Heteronormatividade E Performances Híbridas. *Psicologia & Sociedade***. Fortaleza, SEER, v. 24, pp. 197-207, Abr. 2012. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/doc/309577488/CORPOS-HETERONORMATIVIDADE-E-PERFORMANCES-HI-BRIDAS>>. Acessado em: 21 set. 2016.

MEDRADO, B.; LYRA, J.; AZEVEDO, M. BRASILINO, J. **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Instituto PAPAI, Recife- PE, 184 p. 2010.

MORENO, Monsterrat. **Como se ensina a ser menina: sexismo na escola**. Editora da Unicamp, 2011. 80p.

MOSER, Frei Antônio. **O Corpo e a Sexualidade: Do Biólogo Virtual**. Petrópolis, ITF, Faculdade de Teologia, ano 2013. Disponível em:< http://www.antoniososer.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=187:o-corpo-e-sexualidade-do-biologico-ao-virtual&catid=34:artigos&Itemid=41>. Acessado em: 14 mar. 2016.

RODRIGUES, Judite F. Corporeidade e aprendizagem. **Web Artigos**, Nov. 2009. Disponível em:< <http://www.webartigos.com/artigos/corporeidade-e-aprendizagem/14042/>>. Acessado em: 16 de agosto de 2016.

ROSA, Rogério Machado. **Corpo, Docência E Masculinidades: Das Heterotopias À Estética Da Existência. *Urdimento, Florianópolis***, 19 Nov. 2012. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/download/3190/2323>>. Acessado em: 28 set. 2016.

SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, UNISC, n. 27, pp. 130-157, jul./dez. 2007. Disponível em:< <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/140/573>>. Acessado em: 30 out. 2016.

SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. **“Seja homem!”: construção de masculinidade na revista men’s health brasil**. 2012. 99 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Santa Maria – RS. 2012.

SCHRAIBER, L. B. GOMES, R. COUTO, M. T. Homem E Saúde Na Pauta Da Saúde Coletiva. **Ciência e saúde coletiva**, v 10, pp. 7 – 17, Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100002>. Acessado em 11 out. 2016.

VILAÇA, Nízia; GÓES, Fres. **Em Nome do Corpo**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

VOKS, Douglas Josiel. Do Viral ao Sedutor: Uma “Nova” Masculinidade na Revista Payboy. In XVI Encontro estadual de História da ANPUH-SC, Chapecó, 2016. **Anais Eletrônicos**. Chapecó: UFFS. Disponível em:< <http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/site/anaiscomplementares#D>>. Acessado em 06 de Nov. 2016.

ZANARDI, Ana Carolina Herdy. **Masculinidades contemporâneas: representações da masculinidade na ótica de homens e mulheres executivos**. 2012. 66 f. Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, FGV, 2012.